



O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM ANÁLISE

GASTON BACHELARD E O ESPAÇO POÉTICO: CONTRIBUIÇÕES PARA A GEOGRAFIA E O TURISMO

GASTON BACHELARD AND POETIC SPACE: CONTRIBUTIONS TO THE GEOGRAPHY AND TOURISM

Graziela Scalise Horodyski ¹

Leticia Bartoszeck Nitsche ²

Dircélia Maria Soares de Oliveira ³

Ana Solange Biesek ⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar contribuições da obra *A Poética do Espaço* (1957), do filósofo francês Gaston Bachelard, para a geografia e para o campo de estudo do turismo. Em um primeiro momento são expostos alguns aspectos da obra *A poética do Espaço* com seus principais conceitos para, na seqüência, serem apontadas algumas contribuições para as áreas da geografia e do turismo. As reflexões deste artigo mostram que Bachelard abre novas possibilidades de olhares sob a ótica geográfica e do turismo na medida que investiga o homem, seus pensamentos, sonhos e devaneios no espaço e lugar por ele construídos.

Palavras-Chave: Bachelard, geografia, turismo, espaço e lugar.

¹ Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, Mestre em Turismo e Hotelaria (UNIVALI) e doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professora do Dep. de Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. grazitur@hotmail.com

² Bacharel em Turismo, Mestre em Geografia e doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR Professora do Departamento de Turismo da UFPR lticia@gmail.com

³ Licenciada em Geografia pela Universidade Tuiuti do Paraná. dirceliaoliveira@yahoo.com.br

⁴ Bacharel em Turismo pela Universidade do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul - UCS e doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Professora e Coordenadora do Curso de Turismo da Faculdade Dinâmica das Cataratas - UDC ana.biesek@bol.com.br

ABSTRACT

This article aims to identify contributions of the french philosopher Gaston Bachelard' work *The Poetics of Space* (1957), for Geography and for the study of tourism. At first it presents some aspects of the poetic work of the area with its main concepts and it points some contributions to this work for geography and tourism areas. This work opens new possibilities for looks from the perspective of geographic and tourism as it investigates the man, his thoughts, dreams and daydreams in space and place it built.

Keywords: Bachelard, geography, tourism, space and place.

INTRODUÇÃO

O objetivo norteador do presente artigo é apresentar os principais aspectos da obra *A Poética do Espaço*, de Gaston Bachelard (2008), originalmente publicada em 1957, visando reflexões sobre o pensar geográfico aliado ao estudo do turismo.

O pensar geográfico envolve a maneira de entender o mundo em que vivemos, já que a geografia é tida como a ciência do espaço social e produtivo, seu objeto de estudo, o espaço geográfico, produto ou resultado da relação humana sobre a superfície terrestre.

O campo de preocupações da geografia é, portanto, o espaço no qual o homem vive, produz e modifica. Santos (1996) conceitua espaço como um “conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm papel na realização social” (SANTOS, 1996, p. 27), nesta conceituação pode-se entender que espaço é o conjunto de objetos geográficos, naturais e sociais.

Numa perspectiva mais humanista e cultural, o foco vai para além dos elementos constitutivos do espaço, uma vez que enfatiza a visão que as pessoas tem do mesmo, nas palavras de Kozel (2006, p. 141) “um espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado”. Neste contexto, os sentimentos em relação ao espaço e sua percepção são vistos com mais significação, assim “as pessoas constroem o sentido de espaço, não somente pela atividade

consciente do pensamento teórico, mas sobretudo pelo conhecimento intuitivo do espaço que passa a ser expresso” (KOZEL, 2006, p. 141).

Esta relação muito particular entre as pessoas e o espaço que as cerca também está presente na interpretação que Bachelard faz das imagens cheias de significados reveladas pela ligação arraigada do indivíduo com a sua própria casa.

A idéia bachelardiana de espaço, que é extremamente poética e explicada pela alma humana, é apresentada na obra a Poética do Espaço por meio do exame das imagens do espaço denominados pelo autor como espaço feliz (BACHELARD, 2008, p.19). Numa perspectiva topofílica, os espaços analisados são a casa, o porão, o sótão, a cabana, a gaveta, o cofre, o armário, o ninho, a concha, o canto, que revelam uma fenomenologia do homem e sua relação com o mundo por meio da poesia que há dentro do homem e à sua volta. Poesia profunda no sentido de relação metafísica e psicológica. Poesia que pode e deve ser participada pelos seres humanos atentos, sensíveis, imaginativos e abertos ao devaneio.

O autor afirma que através do espaço se pode chegar a uma fenomenologia da imaginação, ou seja, conhecer a imagem em sua origem, em sua essência, sua pureza. Com esta afirmação, é possível notar o interesse de Bachelard por estudos interdisciplinares, integrando a literatura, filosofia e psicologia (LUCENA, 2007, p. 01).

Por meio desta obra, Bachelard, que considera os sonhos, inquietudes, signos e representações do ser humano, aponta-nos um novo olhar sobre o espaço geográfico, que não se limita àquilo que vemos, pois não se constitui apenas do que é mensurável, pois está repleto de parcialidades da imaginação.

Dentro deste contexto, buscando identificar contribuições da obra A Poética do Espaço para as áreas da geografia e do turismo, o presente artigo está organizado em duas partes, sendo que a primeira apresenta aspectos sobre a referida obra, e a segunda, se propõe a discutir tais contribuições.

1. A Poética do Espaço de Gaston Bachelard

Gaston Bachelard foi epistemólogo, crítico, cientista e poeta. Seu primeiro livro foi *Ensaio Sobre o Conhecimento Aproximado* (1928) e seu livro mais famoso foi *O Novo espírito Científico* (1934).

Outros livros importantes em sua carreira foram *A Psicanálise do Fogo* (1938), *A Filosofia do Não* (1940), *A Água e os Sonhos* (1942), *A Terra e os Devaneios da Vontade* (1948), *Atividade Racionalista da Física Contemporânea* (1951), *A Poética do Espaço* (1957), *A Poética do Devaneio* (1960) e *A Chama de uma Vela* (1961). Em 1960 foi laureado com o Grande Prêmio Nacional das Letras (1961).

A sua obra *A Poética do Espaço*, objeto da presente discussão, busca compreender o ser humano e seus espaços com uma nova visão de mundo. Desenvolve-se a partir de diversos espaços recorrentes na literatura, analisa do maior para o menor: casa, porão, sótão, cabana, gavetas, cofres, armários.

Assim, a obra está dividida em dez capítulos que analisam diferentes espaços. São eles: I. A Casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana; II. Casa e universo; III. A gaveta, os cofres e os armários; IV. O ninho; V. A concha; VI. Os cantos; VII. A miniatura; VIII. A imensidão íntima; IX. A dialética do exterior e do interior; X. A fenomenologia do redondo, conforme será apresentado e analisado em seguida.

1.1 A poética da casa

Nos dois primeiros capítulos o autor analisa a casa e sua poética. Para ele, as imagens do lar estão em nós tanto quanto estamos nelas. Segundo Bachelard (2008, p. 24), a casa é vista como “um verdadeiro cosmos” que é “o nosso primeiro universo”, é o abrigo primordial do homem, ela o acolhe e o faz sonhar; na casa ele pode desfrutar a solidão, é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”.

Mesmo quando ela é humilde e cheia de defeitos, no devaneio, torna-se reconfortante, dá estabilidade, pois na casa estão todas as lembranças da

família (LUCENA, 2007, p. 02). A casa é uma metáfora da família, é sempre a primeira casa que está mais fortemente arraigada no inconsciente. Ela congela as lembranças da infância, tornando-a contínua. Assim, Bachelard trata a casa como um centro de proteção, que se torna um centro de devaneio.

Por meio da casa, o autor aborda as imagens da intimidade. “Como é que aposentos secretos, aposentos desaparecidos, transformam-se em moradas para um passado inolvidável? A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens, em ambos os casos provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade” (BACHELARD, 2008 p. 23).

O problema central da obra se dá a partir do seguinte questionamento colocado pelo autor: “Através da lembrança de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas que sonhamos habitar, é possível isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificação do valor singular de todas as nossas imagens de intimidade protegida?” (BACHELARD, 2008, p. 23).

Para resolvê-lo, não basta considerar a casa como um ‘objeto’, pois estes espaços recebem valores que não tem a menor base objetiva. Com a imagem da casa, ocorre um verdadeiro princípio de integração psicológica, que se insere na idéia de topoanálise proposta pelo autor: “Psicologia descritiva, psicologia das profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam, com a casa, constituir esse corpo de doutrinas que designamos pelo nome de topoanálise” (BACHELARD, 2008, p. 20).

Por isso, Bachelard considera o papel da psicanálise e da psicologia, porém seu foco se dá no fenomenólogo. O autor explica que o psiquiatra se ocupa da mente e do sonho, mas uma fenomenologia do devaneio lida com aquelas lembranças que são trazidas pela mente quando a pessoa se depara ou se lembra de um espaço íntimo, como a casa, seus cômodos, um canto, assim como o porão e o sótão. Destaca ainda que, estas lembranças não obedecem à ordem racional dos fatos de quando e como aconteceram e nem sequer se baseiam em fatos reais, mas em lembranças que surgiram quando

se sonha acordado, ou seja, nos devaneios. Não é possível conceber os devaneios pela razão. O devaneio é que torna o lugar íntimo.

Na toponímia de Bachelard, é necessário superar os problemas da mera descrição, pois para um fenomenólogo, um psicanalista e um psicólogo (considerados pelo autor, por ordem crescente de interesse), não se trata de descrever casas, de pormenorizar-lhe os aspectos pitorescos e de analisar as razões do seu conforto. No caso do fenomenólogo, este faz o esforço para compreender o germe da felicidade central, segura e imediata.

O autor enfatiza que descrever uma casa, sem vivê-la e sem sonhá-la, não condiz com este elemento da poética do espaço, pois evocando as lembranças da casa, adicionamos valores de sonho: “Nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida” (2008, p. 26).

Neste sentido, a memória e imaginação não se dissociam, pois são a união da lembrança com a imagem. “Os verdadeiros bem-estares tem um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. [...] A casa [...] nos permitirá evocar luzes fugidias de devaneio que iluminam a síntese do imemorial com a lembrança” (2005, p. 25). Por meio dos devaneios, é como se o inconsciente permanecesse nos locais, isto é, os valores destes abrigos e aposentos ficam profundamente arraigados no inconsciente.

As imagens estão presentes neste processo de toponímia “o calendário da nossa vida só pode ser estabelecido em seu processo produtor de imagens. (2008, p. 28). O autor esclarece que o papel de um psicanalista deveria ser atentar-se para essa simples localização das lembranças, já a toponímia seria o estudo psicológico sistemático dos locais da vida íntima de cada pessoa.

O papel do devaneio é essencial neste processo de vivenciar os espaços íntimos, pois para analisar o nosso ser, é preciso, a margem da psicanálise normal, desassociar as nossas grandes lembranças e atingir o plano dos devaneios que vivenciamos nos espaços de nossas solidões. Desta forma, os devaneios são mais úteis que os sonhos.

Bachelard ressalta que a topoanálise traz uma marca de topofilia e é no sentido da valorização destes lugares que devemos estudá-los. Vamos encontrá-los mais facilmente por uma simples evocação do que por uma descrição minuciosa.

A partir das idéias de Bachelard, podemos questionar: se não for pela descrição da casa, como expressar estes valores? A resposta está na obra do próprio autor: pela poesia. São os valores de sonho que se comunicam poeticamente de alma para alma. A leitura dos poetas é essencialmente devaneio.

A palavra de um poeta, tocando o ponto exato, abala as camadas profundas do nosso ser. [...] A casa primordial e oniricamente definitiva deve guardar sua penumbra. Ela pertence à literatura em profundidade, isto é, à poesia, e não à literatura eloqüente, que tem necessidade do romance dos outros para analisar a intimidade” (2008, p. 32).

Bachelard expõe que no plano de uma filosofia da literatura e da poesia há um sentido em dizer que ‘escrevemos um quarto’, que ‘lemos um quarto’, que ‘lemos uma casa’ “[...] os valores da intimidade passados pelo escritor são tão absorventes que o leitor já não lê o quarto do escritor, mas revê o seu próprio” (2008, p. 33).

Cabe ressaltar a diferença apresentada entre a Casa Natal e a Casa Onírica. A Casa Natal é uma casa habitada e ela está fisicamente inserida em nós “a casa natal gravou em nós a hierarquia das diversas funções de habitar” (2008, p. 34). Na Casa Onírica, o quarto, o sótão onde ficamos sozinhos dão os quadros de um devaneio interminável, de um devaneio que só a poesia, em uma obra, poderia concluir, realizar. “[...] existe para cada um de nós uma casa onírica, uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além do passado verdadeiro. [...] estamos aqui na unidade da imagem com a lembrança, no misto funcional de imaginação e memória” (2008, p. 34).

Para Bachelard, distinguir as imagens da casa seria revelar a alma da casa, o que é exemplificado pelo autor (2008, p. 36-44), quando mostra a verticalidade entre o porão e o sótão da casa, apresentados a seguir.

O sótão remete aos momentos em que a pessoa está sozinha e é lá que ela sente segurança. A escada do sótão sempre sobe. O teto revela imediatamente sua razão de ser: cobre o homem que teme a chuva e o sol. A inclinação do telhado é um dos sinais mais seguros do clima de um local. Compreende-se a inclinação do telhado. O teto possui um sentido racional de ser. Desta forma, todos os pensamentos ligados ao teto são claros e facilmente racionalizáveis.

Quanto ao porão, apesar de também se constituir de certa utilidade, como guardar uma série de objetos, ele é a princípio o *ser obscuro* da casa. Ele está no plano das potências subterrâneas, das profundezas desconhecidas. O espaço do porão é misterioso, lá é sempre noite e não se sabe o que esperar dele. Ele remete à insegurança e ao medo. Nele, chega-se por uma escada que sempre desce. Sonhando com ele, o homem acaba concordando com a irracionalidade das profundezas.

Tendo em vista esta profunda polaridade entre o porão (inconsciente) e o sótão (razão), estabelece-se a fenomenologia da imaginação. Para entender esta polaridade por meio da linguagem poética, Bachelard cita o romance *L'antiquaire* de Henri Bosco, que representa uma casa que vai da terra para céu. A história começa no porão da casa, onde há uma água noturna, negra, densa, parada e desconhecida que está ali há milênios e guarda muitos segredos.

Depois de uma pausa na história, o personagem sobe uma escada espiralada que o leva para as aventuras da altura até uma torre antiga, perfeitamente redonda, de teto abobadado. O redondo traz intimidade e conforto. A torre está cercada por uma tênue luz. Lá em cima é o quarto de uma doce jovem, habitado pelas lembranças de uma antepassada apaixonada. O quarto redondo e abobadado está isolado em sua altura. Guarda o passado, assim como domina o espaço.

Tais citações literárias utilizadas por Bachelard, mostram que o espaço da casa não é uma casa entendida pelo geômetra (racional), mas é uma casa onírica, que só pode ser lida pela poesia.

1.2 A poética dos pequenos espaços

Sobre a gaveta, os cofres e os armários, Bachelard inicia sua narrativa questionando o uso da palavra “gaveta” para designar o “conceito”, como foi utilizado por Bérgrson: “As gavetas classificam os conhecimentos”. Bachelard entende que as palavras de uso cotidiano possuem sentido poético, mas o uso de metáforas para serem utilizadas em áreas científicas ou filosóficas pode lhes tirar essa poesia. Para o autor, conceito é um pensamento morto, porque é um pensamento classificado e critica o uso da metáfora: “a metáfora vem dar um corpo concreto a uma impressão difícil de exprimir”.

Para Bachelard, a metáfora é uma imagem fabricada. Já a imagem, para ele, é pura, é “obra da imaginação absoluta, extrai todo o seu ser da imaginação” (2008, p. 87). Dessa forma, o autor justifica que somente a imagem pode ser objeto de estudo fenomenológico. Ainda o autor ressalta a importância da intuição, pois para ele, o verdadeiro conhecimento não é racional. Para Bachelard, tudo o que vemos, na perspectiva material, tentamos automaticamente reportar a imagem do objeto visto à gaveta do inconsciente.

Nesse sentido, o autor enfatiza que a inteligência não é um móvel com gavetas, mas é o móvel com gavetas que é uma inteligência. Assim, Bachelard encontra um profundo laço afetivo nos espaços dos armários e gavetas, são espaços profundos, que registram a vida de quem os possui. Para ele, simbolizam a organização, com aroma de lavanda.

Bachelard entende que para as pessoas, a casa ideal é aquela que apresenta o conforto e a segurança de um ninho, tema do quarto capítulo, espaços estes encontrados pelos animais. A simbologia do ninho é bastante presente na literatura e no imaginário quando se trata da necessidade de retorno ao ninho, ou seja, a casa dos pais, o espaço de origem. Assim, a imagem do ninho é ligada à infância, a pureza, a inocência e a segurança. Para o autor, a primeira casa é a que se destaca nas lembranças de cada indivíduo. Da mesma maneira, a imagem do ninho vazio também é presente no imaginário e simboliza a partida e a ausência.

Quando aborda a concha, Bachelard explora a poesia da imagem da casa sendo construída pelo calcário, expelido pelo molusco que nela habita. Nessa imagem, a concha não se lança para frente, mas gira em si mesma, dando sentido de proteção e beleza. O autor ainda provoca o leitor, enaltecendo a capacidade de um ser tão frágil ser capaz de produzir uma proteção tão dura e resistente.

Para Bachelard, a concha também significa a solidão e retoma o tema da concha vazia, como interpretou o ninho. Ele lembra que ao entorno de uma concha viva, existem incontáveis delas vazias. A imagem da concha pode representar a solidão, mas como a aceitação de se viver só, de ser suficiente e viver envolto de sua própria concha.

No sexto capítulo, o autor fala sobre os cantos, associados à busca do refúgio, onde se permite desfrutar a solidão, ao mesmo tempo, em que abraçam aqueles que neles se recolhem. O silêncio, a mobilidade e a segurança é o que caracterizam o canto.

É neste capítulo *Os cantos* que se dará uma questão do habitar menos fantasiosa do que nos capítulos anteriores, pois, segundo o autor quem de nós já não habitou num canto?! E exemplifica que os cantos são uma impressão da intimidade que mesmo sendo fugidias ou imaginárias, têm uma raiz mais humana (2008, p.145).

Segundo Bachelard (2008, p.146) o canto é uma espécie de meia caixa, metade caixa, metade paredes e metade portas. Nele há uma consciência de se estar em paz, imóvel; um quarto imaginário se forma ao redor daquele que está no canto, ali cria-se um espaço do Ser. E quem ali está passa a ser o espaço onde está, é um local seguro onde se fica imóvel: “[...] todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolhermos, de recolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação uma solidão, o germe de um quarto, o germe de uma casa” (2008, p.145).

Segundo Bachelard o canto “vivido” rejeita a vida, restringe-a e a oculta, nele há uma negação do Universo. Nos cantos, não falamos a nós mesmos, são momentos de um silêncio, de um silêncio de pensamentos (2008, p. 146). No canto a alma fica aberta ao devaneio é um armário de lembranças: “[...] o

canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor a imobilidade. Ele é um lugar seguro, o local próximo de minha imobilidade” (2008, p.146). No canto, ali imóvel, o Ser tem a idéia de estar em paz, envolta de si cria-se um quarto imaginário, que permite ao Ser estar protegido, escondido e refugiado, ali ele habita e preenche um refugio antes vazio; ali as imagens habitam.

No capítulo *A Miniatura* as imagens passam do nível das que se vê para as que se vivem o minúsculo, abre um mundo, pois segundo Bachelard a imaginação miniaturizante é uma imaginação natural e aparece em qualquer idade no devaneio dos sonhadores natos (2008, p.158).

O autor ressalta o quanto é comum na literatura a narração de espaços pequenos para, a partir deles, intuir os grandes; segundo o autor “o grande [...] está contido no pequeno” (2008, p. 165). Quando o escritor cria um espaço de miniatura ele apela para os sentidos, pois os espaços miniaturizados são somente imaginados, o leitor vê, escuta, sente esse espaço através de seu devaneio.

Para Bachelard a representação é dominada pela imaginação: “A representação não é mais que um corpo de expressões para comunicar aos outros nossas próprias imagens. Na linha de uma filosofia que aceita a imaginação como faculdade básica, Bachelard (2008, p.159) faz menção a Schopenhauer: 'O mundo é a minha imaginação', e acrescenta “Possuo tanto melhor o mundo quanto mais hábil for em miniaturizá-lo”. Estas imagens passam do nível das que se vê para as que se vivem, assim o minúsculo abre um mundo!

Bachelard fala do homem da lupa (2008, p.163), este homem que enxerga na miniatura a morada da grandeza, segundo o autor, pegar a lupa é prestar atenção, porque prestar atenção é pegar uma lupa, ou seja, uma lente de aumento, para poder enxergar o grande que está contido no pequeno.

A miniatura para o autor é repousante, porém não permite o adormecer, através da miniatura a imaginação permanece vigilante e feliz (2008, p.168). É um devaneio que nos coloca fora do mundo, que nos introduz num outro mundo, como as obras pintadas por miniaturistas da Idade Média. Sobre elas, Bachelard escreve (2008, p.167):

[...] esse grande tempo das paciências solitárias. Mas imaginamos com muita precisão essa paciência. Ela põe a paz nos dedos. Só de imaginá-la, a paz invade a alma. Todas as coisas pequenas exigem vagar. Foi preciso muito tempo disponível no aposento tranqüilo para miniaturizar o mundo. É preciso amar o espaço para descrevê-lo tão minuciosamente como se nele houvesse moléculas de mundo, para enclausurar todo um espetáculo numa molécula de desenho.

Segundo Bachelard (2008, p. 167) as obras em miniatura parecem nos dizer: “Você não viu isso! Veja com calma todas essas coisinhas que não podem ser contempladas em conjunto”.

1.3 A imensidão íntima, o exterior-interior e o redondo.

Na seqüência, o autor passa para a idéia de imensidão íntima, da dialética do grande e do pequeno sob os signos da miniatura e da imensidão, dois pólos de uma projeção de imagens: o grande está contido no pequeno, o homem, ao deparar-se com a imensidão transforma-a em intimidade, pois o devaneio é sempre particular, participação mais íntima do movimento da imagem, a impressão da imensidão está em nós, não se acha necessariamente ligada a um objeto.

No capítulo *A Imensidão Íntima*, Bachelard inicia com a seguinte citação de Rilke: “O mundo é grande, mas em nós ele é profundo como o mar” (2008, p. 190). A citação referida já anuncia e resume a verdadeira essência deste capítulo. Segundo Bachelard “[...] a imensidão é uma categoria filosófica do devaneio” (2008, p.189) e é o devaneio que coloca o sonhador fora do mundo, próximo e diante de um mundo infinito.

As lembranças nos trazem grandes imensidões como o mar, as planícies, mas a imaginação amplia estas imensidões, então Bachelard escreve: “A imaginação, por si só, não poderá aumentar ilimitadamente as imagens da imensidão? A imaginação já será ativa desde a primeira contemplação? De fato, o devaneio é um estado inteiramente constituído desde o instante inicial” (2008, p. 189). Não é possível atingir o imenso senão pelas

experiências íntimas de cada um: “A imensidão está em nós” (2008, p. 190)

Nesse caminho do devaneio da imensidão, o verdadeiro produto é a consciência dessa ampliação. A vida pela brutalidade do dia a dia refreia esta espécie de imensidão mais que retorna na solidão, quando estamos imóveis, sonhamos num mundo imenso.

Bachelard ainda diz que embora pareça paradoxal, muitas vezes é essa imensidão interior que dá seu verdadeiro significado a certas expressões ao mundo que vemos: “Descobrimos aqui que a *imensidão* íntima é uma *intensidade*, uma intensidade de ser, a intensidade de um ser que se desenvolve numa vasta perspectiva de imensidão íntima. E seu princípio, as 'correspondências' acolhem a imensidão do mundo e transformam-na numa intensidade do nosso ser íntimo” (2008, p. 198).

Pensem na floresta. As impressões que nos vêm a mente vão muito além dos aspectos geográficos, por exemplo. Existem impressões repletas de ansiedades, nela mergulhamos num mundo sem limite num espaço misterioso.

Para Bachelard, o espaço íntimo e o exterior estimulam um ao outro. E que dar espaço poético a um objeto é dar-lhe mais espaço objetivamente, ou melhor dizendo, é seguir a expansão de seu espaço íntimo.

No nono capítulo, Bachelard se refere à dialética do interno e do externo, dialética do aberto e do fechado, afirmando que o exterior somente é entendido quando transformado em interior, e não pensar dessa forma leva a generalizações descabidas. Tudo é valor humano; o espaço não pode ser unicamente exterior, pois é vivido, imaginado, recordado interiormente.

A dialética do exterior e do interior não pode ser entendida apenas como uma simples metáfora, como a do *sim* e do *não*; a do *ser* e o *não-ser*, ou, a do *ser do homem* e do *ser do mundo*. “A geometria evidente desta dialética nos cega tão logo a introduzimos em âmbitos metafóricos” (2008, p. 219).

Por que não podemos contar com a simples metáfora que se estabelece pela oposição do interno com o externo? Buscando a visão fenomenológica de Bachelard, podemos compreender que ao olhar o mundo lá fora, temos um mundo dentro de nós. ‘Nossa casa’ e cada um de nós está situado em um

pontinho do globo terrestre, estamos dentro deste imenso mundo e, ao mesmo tempo, temos um mundo dentro de nós.

E finaliza o livro com a fenomenologia do redondo, que na verdade está diluída em toda a obra, enfatizando que na intimidade do redondo as imagens não constituem simples metáfora, as imagens circulares concentram, centralizam a vida, dão unidade, em oposição às pontiagudas que ferem, afastam, assim as imagens que trazem segurança, aconchego, são todas redondas, é daí que surge a frase: “a vida é redonda” (2008, p. 235).

A obra *A Poética do Espaço* constitui em um caso de amor pela literatura e mais especificamente pelo espaço. É “a junção feliz entre rigor científico e experiência pessoal nunca descartada, confluindo ambos os vetores para associações surpreendentes e reminiscências arquetípicas do ser humano” (DIMAS, 1985, p. 44).

No tópico a seguir, buscar-se-á traçar alguns paralelos sobre as contribuições da obra *A Poética do Espaço* para a Geografia, estendendo-se ao estudo do turismo.

2. A Poética do Espaço: contribuições para a Geografia e o Turismo

Sob o olhar da Geografia Cultural, é possível fazer uma leitura deste espaço repleto de imagens poetizado por Bachelard. Salete Kozel (2006, p. 142) expõe que esta concepção que entende as imagens como uma possibilidade de leitura dos valores humanos passa a ter eco na geografia, a partir dos estudos da “Geografia Comportamental e da Percepção, posteriormente resgatada com ênfase pelas vertentes humanística, cultural e ambiental, atualmente apontando em direção à Geografia das Representações”.

Neste contexto, é possível entender a importância de considerar os aspectos do vivido humano na geografia, conforme alerta Bailly (1995, p. 25–34) em oposição a uma geografia regional tradicional, sobre a necessidade de repensar a “estrutura em gavetas (...) que queria tudo explicar, do meio físico

às atividades econômicas. As representações em geografia nos ensinam, ao contrário, a diversidade das práticas, das mentalidades e dos vividos e a variedade das racionalidades”. O autor fala da necessidade de se fazer uma geografia “atenta ao vivido dos homens para compreender suas aspirações” e desenvolver uma geografia destinada a todos os homens, e não somente aos técnicos.

Como um dos precursores da vertente geográfica das representações, Bailly defende que, “esta geografia, consciente de sua subjetividade, analisa ao mesmo tempo os discursos e as práticas espaciais, para resgatar aí, através da estrutura das representações, coerência e repetição; não somente aquela dos homens que raciocinam, mas também aquela daqueles que experimentam sentimentos e se amarram aos seus lugares de vida (BAILLY, 1991, p. 21).

Este olhar geográfico perpassa a vertente fenomenológica humanista, onde se destaca o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, que baseado em Bachelard, discute o sentimento de pertença entre as pessoas e os lugares, sob a denominação de topofilia. O conceito de ‘topofilia’ é empregado por Y-Fu Tuan em sua obra homônima, sendo que o primeiro autor a mencionar este termo foi Gaston Bachelard, na obra ‘A poética do espaço’.

Tuan (1983) compreende o espaço, procurando elucidar a forma como o homem experiência o mundo, encontrando na percepção e na experiência humana subsídios para suas reflexões sobre espaço vivido. A topofilia refere-se aos vínculos de afetividade que o homem estabelece com o lugar. De acordo com o autor (1980, p.286):

[...] a topofilia varia em amplitude emocional e em intensidade, estando relacionada, entre outros, aos prazeres visuais efêmeros, ao deleite sensual do contato físico ou, simplesmente, ao apego pelo lugar, seja por sua familiaridade, por seu passado representativo ou por evocar algum tipo de orgulho de posse.

Na sua obra Espaço e Lugar, Tuan diferencia os conceitos de espaço e de lugar: “espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 06).

Sob a ótica desta geografia que considera o sentimento de afeição das pessoas com os lugares, procura-se refletir sobre estes pequenos espaços da intimidade e do cotidiano descritos e valorizados por Bachelard: de que forma o estudo do turismo pode se beneficiar de suas contribuições? Acredita-se que A Poética do Espaço relaciona-se com a reflexão turística na medida em que desperta a atenção a detalhes que fazem parte da vida humana e que, neste campo de atividade, são relevantes e cada vez mais significativos, já que o turismo, como uma área de estudo, visa compreender o fluxo de viagens das pessoas e todo o fenômeno que resulta a partir desse movimento. Sob a visão de Moesch (2001, p. 09):

Turismo é uma complexa combinação de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sócio-cultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico.

De acordo com a autora, o turismo é um campo de estudo amplo, interdisciplinar e é, antes de tudo, um fenômeno social. Desta maneira, entende-se que o estudo sobre as relações sociais entre os moradores de uma comunidade e destes com os turistas pode receber contribuições de Bachelard, acreditando na importância de buscar o bem-estar das populações locais aliado à satisfação dos turistas.

É na perspectiva da Geografia Cultural combinada ao olhar inspirador de Bachelard sobre um espaço geográfico poético e não mensurável, que podemos pensar como o turismo também se insere neste. Assim sendo, a presente reflexão considera a posição do morador local que possui uma relação com o seu espaço de vivência (casa, bairro, cidade), a qual passa a ser modificada com a presença do turismo, (re)significando este seu mundo particular e coletivo. Por outro lado, temos a presença do turista que, no ato de viajar, conhece um mundo a parte do seu e passa por ele de forma temporária, porém busca nele uma experiência pessoal de vida.

Assim, compreende-se que o espaço visitado, objeto das ações de planejamento turístico, é o mesmo espaço que também é vivido por uma comunidade. Muitas vezes a população, ao ser considerada 'objeto' de planejamento, desconhece a atividade turística e os efeitos que podem ser gerados no ambiente em que vivem.

Nesse sentido, as contribuições de Bachelard para a geografia ampliam-se para o universo do turismo, no momento em que o mesmo analisa o espaço na perspectiva da imaginação e dos devaneios, trazendo para a sua discussão poética os detalhes dos espaços domésticos que possuem grande representação para o ser humano, mesmo que ele vivencie estes espaços de forma temporária (no caso do turista). Assim, enfatiza-se também a possibilidade de se analisar a obra em questão sob o aspecto da hospitalidade no turismo.

A hospitalidade faz parte da compreensão do turismo, mas é um conceito muito mais amplo e antigo, não pertence a um campo de atividade, e sim, é um aspecto do ser humano. Nesse sentido, Camargo (2005, p. 716) afirma que este "é um conceito difícil de ser apreendido com as ferramentas das ciências aplicadas a gestão as quais, por sua vez, mostram-se como que predestinadas ao negócio". Para o autor, hospitalidade não é negócio. É uma característica do ser humano, e assim, possui traços sócio-culturais, refletindo em características de cada povo e assumindo um papel muitas vezes decisivo no produto turístico.

A importância que se dá para a casa, no sentido de lar e proteção, justifica a frase conhecida universalmente na hotelaria: "sinta-se em casa". A partir da reflexão de Bachelard sobre o valor afetivo da casa para as pessoas, a frase pronunciada banalmente no mercado hoteleiro possui um sentido muito mais profundo. Desejar que um visitante ou um hóspede sinta-se como se estivesse em sua casa, em um ambiente estranho, é desejar que o espaço ofertado a ele possua elementos suficientes que lhe proporcionem segurança física, emocional, nostalgia, acolhimento, cuidado. Aqui, cabe uma crítica aos hotéis de negócios, em grande parte, frios e padronizados, parecem ignorar

que seus hóspedes, viajantes freqüentes, talvez sejam justamente aqueles que mais precisam de referências de suas casas (MARTINS e ROMANO, 2008).

Cabe destacar a análise de Castelli (2005) sobre o aspecto 'sentir-se em casa'. O autor lembra que embora seja necessário haver uma relação de hospitalidade como algo natural do ser humano, existem regras e convenções a serem observadas. Para este autor, mesmo na Bíblia é possível entender as relações de hospitalidade. Quando Adão e Eva foram recebidos no Paraíso, poderiam se sentir em casa, mas havia regras. Não "comer a maçã" era uma delas. Da mesma maneira, o autor aponta que anfitriões gostam que suas visitas sintam-se em casa. Mas costumam não gostar que abram geladeiras, armários, gavetas, por serem espaços da intimidade de um lar que não devem ser desvendados por pessoas "de fora".

Assim, quando aborda gavetas, cofres e armários, Bachelard lembra que estes elementos podem ser considerados banais, mas fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas e tem significado para cada indivíduo. Segundo o autor, estes elementos da intimidade de uma casa que possuem traços psicológicos, possuem também, poesia.

Os espaços destinados à intimidade dos turistas, seu quarto, sua cama, seu armário, seu banheiro, devem ser planejados observando-se as expectativas que as pessoas possuem sobre um lar. Muitas vezes um aroma, como bem lembrado por Bachelard, remete o cuidado e o aconchego de uma casa feliz. Quando Bachelard fala dos espaços tanto da casa e seus desdobramentos para o ninho e concha (casa dos animais) que carregam na sua simbologia o conforto e a segurança da casa dos pais ou primeira casa, é possível refletir sobre o notório crescimento de empreendimentos turísticos rurais e de interior. Neste caso, é necessário destacar que o crescimento das cidades com o êxodo rural e as migrações do interior para as capitais resultou em uma grande quantidade de pessoas que perderam seus referenciais domésticos, diferentes dos espaços encontrados nos centros urbanos. A busca pela identidade do lar não envolve somente os espaços físicos e os elementos que os compõe, mas também as lembranças, os rituais.

Para Camargo (2005, p. 718): “pode-se mesmo dizer que a hospitalidade doméstica é a matriz e o espaço de preservação dos rituais legados pela tradição, tanto na forma de recepcionar como de hospedar, alimentar e entreter”. Assim, acredita-se ser este um dos fatores de crescimento da demanda por produtos como o “turismo rural”, “hotel fazenda”, pousadas familiares em pequenas cidades no interior do país, etc, que oferecem intimidade e aconchego, elementos que marcam a sociedade primária, para o autor, o “cuidado ancestral de reservar a intimidade do lar as pessoas com quem também desfrutamos de intimidade” (p. 718).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bachelard com sua obra oportuniza um novo olhar na medida que investiga o homem, seus pensamentos, sonhos e devaneios. O devaneio é que torna o lugar íntimo e não é possível concebê-lo pela razão, mas a poesia consegue expressar o devaneio, pois se comunica com a alma humana.

De forma mais abrangente, procurando relacionar a leitura da obra com o estudo da Geografia, podemos compreender que Bachelard estuda o espaço para conhecer e analisar a alma humana, e a Geografia, por sua vez, estuda o espaço para conhecer o homem, e o homem para conhecer o espaço.

Bachelard abre novas possibilidades de olhares sob a ótica geográfica e do turismo, quando mostra que o homem também tem um espaço particular, criado pelas experiências vividas, pelos espaços habitados, pelos seus devaneios, sendo um espaço construído em sua intimidade.

Por intermédio da análise de espaços “íntimos”, que são os lugares de devaneio repletos de sentimentos e lembranças - a casa, o porão, o sótão, a gaveta, o cofre, o armário, os ninhos, as conchas, os cantos, as miniaturas - unindo a Literatura, a Filosofia, a Psicologia e a Psicanálise, Bachelard busca conhecer a imagem e sua origem.

Se estes espaços íntimos despertam tantos sentimentos, há que se refletir sobre os espaços íntimos utilizados pelas pessoas durante a experiência turística. Nos hotéis, pousadas e demais equipamentos de hospedagem, alimentação e entretenimento, usufrui-se de alguns dos espaços analisados por

Bachelard, porém, de forma temporária. Apesar dessa aparente superficialidade, deve-se entender que a relação com estes espaços provisórios envolve sentimentos diversos. As expectativas, experiências e satisfações são diferentes para cada indivíduo, que carrega consigo sua bagagem cultural e social. No entanto, Bachelard aponta alguns aspectos dos espaços íntimos que correspondem com a maioria dos seres humanos.

Tais apontamentos podem contribuir com a implementação da oferta turística de forma mais sensível, prazerosa e satisfatória para os turistas, lembrando que os moradores locais possuem uma relação topofílica permanente com estes espaços e, por isso, devem ser considerados antes de qualquer intervenção turística.

Assim, a Geografia e o campo de estudo do Turismo também podem considerar estes espaços recheados de sonhos, inquietudes, signos e representações. Bachelard conseguiu mostrar que o espaço não se limita àquilo que vemos, pois não se constitui apenas em campos, cidades, matas, espaços habitados, mas também em espaços sonhados e imaginados. Compreende-se, que não se trata somente do espaço externo ao homem (objeto comum ao estudo da Geografia), mas também ao espaço por ele internalizado, o vivido, o imaginado.

O espaço percebido pela imaginação não pode ser entregue a mensuração, pois é um espaço vivido e consciente das parcialidades da imaginação. Sobre o espaço em nós, vale mencionar o próprio Bachelard (2008, p.179): “Quantos teoremas de topoanálise seria preciso elucidar para determinar o trabalho do espaço em nós! A imagem não quer deixar-se medir. Por mais que fale de espaço, ela muda de grandeza. O menor valor amplia-a, eleva-a, multiplica-a. E o sonhador converte-se no ser da sua imagem. Absorve todo o espaço da sua imagem.”

Os estudos sobre cultura e representação em Geografia devem considerar aquilo que a mente das pessoas produz e não só aqueles espaços que podem ser apreendidos pelo geômetra.

Estes espaços íntimos - a casa, seus cômodos, um canto da casa – podem ser entendidos como representações de um mundo a parte, um mundo

que está na cabeça de cada um, configurado pelas imagens na mescla de memórias e devaneios.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. *O racionalismo aplicado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BAILLY, A. Géographie régionale et representation. In: BAILLY, A. Géographie regionale et representation. Paris: *Anthropos*, 1995. p. 25–34.
- BAILLY, A. *L' Humanisme en géographie: réflexions et principes*. In: BAILLY, A.; SCARIATI, R. *L' Humanisme en Géographie*. Ed. Economica, 1990.
- CAMARGO, O. L. *Hospitalidade*. In: TRIGO, L. G. G. *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005.
- CASTELLI, G. *Hospitalidade na perspectiva da gastronomia e da hotelaria*. São Paulo: ed. Saraiva, 2005.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1985.
- JAPIASSÚ, H. *Para ler Bachelard*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. (Série Para ler).
- KOZEL, S. (Org.). *Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.
- _____. Comunicando e representando: Mapas como construções socioculturais. In: SEEMANN, J. (Org.) *A aventura cartográfica*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006. p. 131-149.
- LUCENA, K. de C. Uma fenomenologia da imaginação através do espaço. *Revista eletrônica de críticas e teorias de literatura* PPG-LET-UFRGS. Porto Alegre, vol. 03, n. 01, p. 1-9, jan/jun 2007. Disponível em:
<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/viewFile/4896/2819>>
Acesso em: 02/05/2009.
- LYOTARD, J. *A fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- MARTINS, L. M.; ROMANO, C. A. *Análise dos Recursos Humanos da Hotelaria de Ponta Grossa-PR, proposta de um curso de capacitação*. Disponível em:
<http://200.134.81.21/ppgep/anais/artigos/eng_producao/49%20ANALISE%20PERFIL%20RECURSOS%20HUMANO%20HOTELAR%20PONGROSS%20P ROPOS%20CU.pdf> Acesso em: 19/07/2009.
- SANTOS, M. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MOESCH, M. *A Produção do Saber Turístico*. São Paulo: Contexto, 2001.
- TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- _____. *Topofilia*. São Paulo: DIFEL, 1980.